



História e as formas de organização da associação de mulheres camponesas Agroecológica- AMCA de Canabrava do Norte-MT

History and forms of organization of the peasant women's association Agroecológica- AMCA de Canabrava do Norte-MT

PAZ, Brenda Vieira da¹; SANTOS, Thiago Sousa ², SANTOS, Samuel Oliveira ³;
NASCIMENTO, Nayara Meneses ⁴; RAMOS, Polyana Rafaela Ramos⁵, SILVA, Iberê
Marti Moreira da⁶

^{1,2,3,4} Acadêmicos de Agronomia, IFMT – Campus Confresa, th120999@gmail.com;
samuelcanabrava25@gmail.com, brendavieiracfs@gmail.com, nayaramenezes@gmail.com,;^{5 1}
Docente, IFMT – Campus Confresa, polyana.ramos@cfs.ifmt.edu.br; ⁶ Organização Cooperativa
de Agroecologia da Zona da Mata, iberemarti@gmail.com;

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia;

Resumo: O estudo foi desenvolvido com o grupo da Associação das Mulheres Camponesas Agroecológicas (AMCA), do P.A Manah I, localizado no município de Canabrava do Norte-MT. A AMCA surgiu a partir da necessidade de organização produtiva das mulheres, em busca de novas fontes de renda para a família, bem como no desenvolvimento de ações coletivas, buscando solucionar problemas locais, o que envolve tanto a melhoria das condições financeiras, como produção de alimentos livres de agrotóxicos. A pesquisa foi dividida em três etapas, apresentação da proposta; inserção nas atividades do Grupo; e entrevistas com objetivo de elucidar dúvidas e enriquecer os dados e objetivos. O objetivo do presente artigo foi investigar o processo histórico da Associação das Mulheres Camponesas Agroecológica e as formas de organização trabalho, geração de renda. Esse estudo pode contribuir para melhor compreender a realidade da mulher na agricultura familiar e suas dificuldades, podendo assim contribuir para as políticas públicas que melhoram as condições de vida e consolidem a reforma agrária.

Palavras-chave: grupo; gênero; cooperativismo; autonomia social.

Keywords: group; genre; cooperativism; social autonomy.

Introdução

Os assentamentos da reforma agrária se caracterizam por pequenas propriedades, com até quatro módulos fiscais, e que a mão-de-obra é da própria família, o que demonstra sua importância para geração de renda. Mas, a Agricultura Familiar também é responsável pela maioria dos produtos da cesta básica. De acordo com KOPP (2018) a agricultura familiar produz 70% do feijão nacional, 34% do arroz, 87% da mandioca, 46% do milho, e 38% do café.

Com uma das principais características dos assentamentos é a participação da família, a mulher tem um papel decisivo na dinâmica da unidade de produção, interferindo diretamente nas diferentes esferas de atuação produtiva e reprodutiva.



Em Canabrava do Norte-MT, um grupo de mulheres se organiza há praticamente duas décadas, com objetivo de fortalecer a participação da mulher na agricultura familiar. Este grupo tem diversas experiências e estudá-las é importante, tanto para compreender melhor os processos de organização dessas mulheres, quanto para servir de inspiração para outras agricultoras.

Neste contexto, o objetivo deste trabalho foi realizar um estudo de caso, para conhecer a história, experiências e a organização da Associação das Mulheres Camponesas Agroecológica-AMCA.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida com o grupo de mulheres do assentamento P.A. Manah I, e cuja a principal renda é a pecuária leiteira e de corte (IBGE, 2018). A metodologia utilizada para a pesquisa foi o Estudo de Caso, que de acordo com Gil (2008) é um estudo profundo de determinada realidade, investigando a situação dentro do seu contexto. A pesquisa utiliza mais de uma técnica, a fim de se obter dados mediante procedimentos diversos e garantir a qualidade dos resultados obtidos, e favoreçam a descrição, a explicação e a compreensão do grupo estudado. A pesquisa foi dividida em três etapas, apresentação da proposta e levantamento de dados secundários; inserção da pesquisadora nas atividades do grupo; e entrevistas.

Portanto o presente estudo de caso tem o caráter qualitativo, que de acordo com Rodrigues (2007) a pesquisa qualitativa é aquela que investiga os problemas no seu ambiente natural, analisando os dados fornecidos pelas atividades e as interações cotidianas.

Resultados e Discussão

O projeto de assentamento Manah I foi criado no de ano 1995, e fica localizado na região Araguaia Xingu, no município de Canabrava do Norte com acesso a BR158, e assentou 138 famílias (INCRA, 2018). O assentamento surgiu na tentativa de atender o projeto de reforma agrária no município, onde a prefeitura de Canabrava do Norte, e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porto Alegre do Norte, além da Comissão Pastoral da Terra, indicaram a fazenda Manah como imóvel a ser desapropriado por interesses sociais, devido os graves e violentos conflitos nessa área, ocasionando inclusive o despejo judicial de cento e vinte seis famílias, na disputa de terra durante a desapropriação (INCRA, 2018).

Depois de receberem as terras, essas famílias se depararam com a necessidade de organizar a produção e a comunidade. Assim iniciou a luta pelo atendimento das necessidades básicas, como casa, água, luz, saúde, estrada, educação, lazer entre outras.



Surge então em 2001 a Associação das Mulheres Agricultoras Sindicalizadas de Canabrava do Norte-(AMAS), com o objetivo de motivar e valorizar a mulher na conquista dos seus direitos, autonomia e sobrevivência na terra, porém por problemas internos, a associação passou um período onde ficou praticamente sem atuação. Mas ao passar do tempo as associadas sentiram a necessidade de reativar a associação, pois durante essa caminhada de luta e enfraquecimento no número de mulheres participantes, o grupo nunca deixou de sonhar.

Então se reuniram e estabeleceram uma gestão nova e com algumas formas de organização diferentes das anteriores. Passando assim a ser nomeada de Associação das Mulheres Camponesas Agroecológica-AMCA. O grupo hoje tem 18 famílias participando.

As mulheres da Associação AMCA, estão organizadas para produzir pães, verduras, derivados de leite, usando a matéria-prima de cada época, e contribuindo na geração de renda. Estas atividades foram possíveis devido à instalação da infraestrutura de produção, aproveitando as experiências e vivência das diversas famílias, de acordo com suas origens, visando à exploração de mercados potenciais como a feira, os refeitórios de empresas e merenda escolar.

O grupo tem a Agroecologia como princípio para suas atividades de organização e produção. A agroecologia é uma ciência multidisciplinar que alia a tecnologia ao conhecimento tradicional, e é uma forma de garantir alimentação adequada em quantidade e qualidade para as famílias, voltada para promover a Soberania Alimentar (CAPORAL, 2000, p.16-37).

A AMCA já se organizou de várias formas, mas atualmente é uma associação formalizada com CNPJ, para lutar pelos seus direitos e buscar conhecimento e melhoria de vida familiar. As mulheres da Associação reúnem-se uma vez por mês, atualmente, na primeira semana do mês, para discussão de assuntos pertinentes a conjuntura atual. Nestes encontros são discutidos dentre os fatores a continuidade da Associação e os planos para o futuro.

Mas para além da formalidade de uma associação existe a própria forma de organização, estabelecida por consenso, entre as associadas à AMCA. Elas se adaptaram e criaram outras formas de organização, sendo; o consórcio, o sorteio, o almoço comunitário, a troca de sementes e o mutirão, que são metodologias para manter o grupo coeso e unido (Figura 1).

Na ajuda mútua simétrica ou assimétrica, mede-se o quanto a relação social ou afetiva entre os sujeitos é mais importante que a natureza material da prestação de trabalho, mesmo se essa é necessária ou até indispensável. Assim, a ajuda mútua agrícola é uma prestação econômica que foge do quadro utilitarista da troca (SABOURIN, 2011).



Fonte: Dados Coletados na Pesquisa (2018).

O grupo já recebeu e escreveu vários projetos que contribuíram para a qualidade de vida, como cursos, palestra, em parceria com o Instituto Federal de Mato Grosso-IFMT, a EMPAER, a Rede de semente do Xingu, a Associação Terra Viva de Agricultura Alternativa, e a Comissão Pastoral da Terra-CPT.

Sobretudo elas ressaltam ainda que a associação representou e ainda representa uma possibilidade das mesmas, encontrarem espaços de atuação fora do espaço doméstico, buscando cada vez mais, demonstrar a visibilidade da mulher do campo, e ganhar importância política.

Porém, por questões de afinidade e laços de amizade, elas estão com um projeto onde o objetivo é ajudar no trabalho em grupo, com aquelas que moram mais próximas, na tentativa de se manterem unidas. Este fato mostra de certa forma, a importância que as mesmas dão à associação em si, mas ao fato de manter fortes os vínculos e laços de cooperação e associativismo. Nesse sentido, foi possível identificar também a importância dos vínculos familiares entre as associadas remanescentes da formação inicial, e os vínculos comunitários no sucesso de experiências organizativas.

Portanto a associação se apresenta com forte expressão territorial e com significativo potencial emancipatório para as agricultoras camponesas, pois, surge com uma proposta de valorização e de fortalecimento da trabalhadora rural, consolida um sistema de organização do espaço baseado na implantação de sedes físicas de grupos de mulheres, interligadas e assistidas por uma associação constituída a partir delas próprias. Ou seja, um espaço propício à promoção da autonomia das mulheres (PIRES, 2015, p.12).

Acredita-se que, portanto, a abordagem deste estudo possa vir a contribuir para a compreensão de outras realidades, assim como podem servir de parâmetro para



futuras comparações, ou ainda para a continuidade ou aprofundamento de aspectos relacionados às diversas áreas deste estudo. Além de que auxiliar as instituições a formularem políticas públicas voltadas à realidade da mulher camponesa, oportunizando promover uma reforma agrária eficiente e eficaz.

Conclusões

Através do estudo feito com as mulheres da associação AMCA, pode-se observar a mobilização das mulheres que foi incentivada a partir da necessidade de organização produtiva, lazer e conhecimento. O contato com a associação evidenciou que a motivação e valorização da mulher na conquista da sua autonomia, vêm se fortalecendo cada vez mais a frente das adversidades do campo.

Este estudo de caso deve servir para melhor compreender a realidade da mulher na Agricultura Familiar, e suas dificuldades, e pode contribuir para políticas públicas que melhorem suas condições de vida e consolidem a reforma agrária.

Agradecimentos

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso; À Associação das Mulheres Camponesas Agroecológicas de Canabrava do Norte-MT.

Referências bibliográficas

CAPORAL, F. R.; Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. In: COSTA BEBER, J. A. et al. (1ªEd.) Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.1, n.1, p.16-37, jan./mar. 2000.
GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. Ed. São. Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2018. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). Classificação dos imóveis rurais: Disponível em: < <http://www.incra.gov.br> >. Acesso em: 06 dez. 2018.

KOPP, kamila. Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo. Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo. Brasília-DF. 12 de jul. de 2018.

PIRES, M. Silvana. Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Agricultura Familiar de Santa Luz na Bahia: Experiências, Transformações e Desafios. Dissertação (Pós-Graduação em Planejamento Territorial) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. 2015.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



RODRIGUES, R. M. Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.

SABOURIN, E. Teoria da Reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Porto Alegre. Vol 23, no. 2.p. 18. 2011.